

**Irmãos de Jesus Bom Pastor - Pastorinhas**

# **anexos**

**do Itinerário de preparação  
rumo ao 8º Capítulo Geral**

Roma - junho de 2010

## Anexo para o estudo

Para aprofundar o tema capitular sugerimos trechos de algumas conferências feitas no Seminário sobre a “cura pastoral” que posteriormente poderão encontrar nos Atos do Seminário.



### Do texto “Os fundamentos bíblicos da cura d’anime” de pe. Giacomo Morandi

#### **Recipiente e não canal**

A ‘cura d’anime’ é antes de tudo a obra de Deus. É Deus que assume o cuidado dos seus filhos, também quando e **sobretudo quando** eles se distanciam. A primeira aliança é testemunha desta compaixão materna de Deus. O ministério profético é contínua memória desta fidelidade incondicional de Deus àquilo que Ele é: amor fiel e inesgotável. A história recomeça sempre com um ato de graça que não somente restaura a condição precedente, mas abre horizontes sempre maiores de esperança.

A *compaixão de Deus é Jesus Cristo!* Os discípulos vivendo com ele aprendem o que comporta assumir o cuidado: depor a vida sem condições. Quem aceita *gastar-se* não coloca reservas e não impõe vínculos. A cura pastoral não é, de fato, o lugar da própria *realização*, mas *diaconia pascal*. Estar envolvidos na mesma compaixão de Cristo exige que o discípulo mantenha viva a graça do seu chamado e aquela experiência de salvação que experimentou por primeiro.

Se esta é a ‘proteção’ que de modo algum pode ser redimensionada, as modalidades deste serviço permanecem necessariamente abertas, para não cair vítimas dos *próprios projetos e das próprias competências*. O magistério de Paulo e dos grandes santos evangelizadores confirma de modo inequívoco que sobre as modalidades é necessário deixar a Deus a primeira e também a última palavra.

A ‘cura d’anime’ é cuidado de toda a pessoa e não de uma parte somente. Deve existir a consciência que a proposta cristã é uma vida integral de crescimento: é a transfiguração do ser humano.

A cura pastoral exige que o evangelizador *cuide de si* e em particular da sua relação com Cristo, para não correr o risco que de tanto pregar aos outros, seja ele mesmo desqualificado (1Cor 9,27). As palavras fortes de São Bernardo representam uma admoestação:

*“Por isso, se és sábio te mostrarás como recipiente e não canal. O canal quase instantaneamente recebe e logo derrama, mas o recipiente, ao contrário, espera até que esteja cheio e assim, partilha, sem dano próprio, aquilo que está transbordando. Na verdade, hoje, na Igreja, existem muitos canais e bem poucos recipientes. Aqueles que derramam sobre nós os rios celestes tem uma caridade tão grande que querem infundir antes de ter recebido a infusão, mais dispostos a falar do que escutar, prontos a ensinar aquilo que não aprenderam, impacientes para dirigir os outros, estes que não sabem governar a si mesmos”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> San Bernardo, *Sermoni sul Cantico dei Cantici*, XVIII,3, in *Opere di san Bernardo(V/I)*, Scriptorum Claravallense. Fondazione di Studi Cistercensi, Milano, 2006, p.237.



Do texto **“PEDRO E PAULO: apóstolos de Jesus Cristo e pastores da sua Igreja”**  
de Ir. Elena Bosetti

Nós olhamos Pedro e Paulo como testemunhas de um apaixonado seguimento de Jesus Cristo que se atua no “assumir o cuidado” do seu rebanho, do seu povo. São ícones vivas de um grande e inseparável amor por Cristo e pela Igreja. E, portanto, é assim que gostaria de iniciar com esta oração: *Santos apóstolos Pedro e Paulo, ensinai-nos o amor a Cristo e à sua Igreja!*

Não há dúvidas de que Pedro e Paulo foram dois apaixonados por Jesus, cada um de um modo diferente, mas ambos até o martírio. Paulo “agarrado” por Jesus Cristo, não pode ficar sem “anunciá-lo”. Sente-se obrigado a comunicar o Evangelho a todos. Para ele *viver é Cristo* (Fil 1,21) e o seu “assumir o cuidado” não pode ser outra coisa senão isso: que a Igreja (e cada batizado) viva em Cristo, viva de Cristo, viva com e por Cristo.

De modo não diferente, Pedro, que Jesus reabilita no amor, confiando-lhe a cura pastoral de toda a sua Igreja, das suas ovelhas e dos seus cordeiros. É belo notar que a última palavra do Ressuscitado ao seu discípulo nas margens do lago da Galiléia é justamente: “segue-me!”. O mandato pastoral é colocado no *centro*, na estrutura do texto, entre o pedido de amor e o imperativo do seguimento: Tu me amas? – apascenta (assuma o cuidado dos meus cordeiros/das minhas ovelhas) – **segue-me** (Jo 21,15-19). (...)

#### A. O “ASSUMIR O CUIDADO” DO APÓSTOLO PAULO

Reconhecer a Paulo o estatuto de “pastor” significa dar-se conta que o Apóstolo não se preocupa somente do momento inicial constituído pelo *kerigma*, pelo anúncio do Evangelho, mas também da sua fase sucessiva que diz respeito aos efeitos de tal anúncio e comporta o crescimento e a formação da comunidade cristã. Afirma corajosamente James Dunn: “Paulo jamais falou a não ser como pastor. A sua teologia é uma teologia viva, uma teologia prática em tudo e para tudo”.

##### 1. Paulo gera a comunidade cristã “na fraqueza” (...)

Paulo gera a comunidade em plena sintonia com o Evangelho que anuncia, na lógica do mistério pascal, em humildade e fraqueza. O seu “assumir o cuidado” imita as pegadas de Cristo.

Seja-me consentida uma nota: também no início da nossa Congregação e muitas aberturas missionárias aconteceram assim, em humildade e fraqueza humanamente falando. Pe. Alberione dizia que é necessário sempre começar “em Belém”, vale dizer, em pobreza e fraqueza humana. Para que apareça que a obra é realmente do Senhor e se baseia em sua graça. Mas é preciso que este critério “fundacional” continue a ser atuante... (...)

##### 2. Três metáforas de Igreja

Notamos antes de tudo a relevância da palavra “igreja” (*ekklēsia*) presente 62 vezes no epistolário paulino (num total de 114 vezes no NT). Esta palavra, já carregada de valor teológico na Bíblia, diz bem a consciência que a comunidade cristã tem de si: “ela sabe ser a comunidade escatológica de Deus, cumprimento das expectativas do antigo testamento e judaicas”.

No endereço da Primeira carta aos Coríntios encontramos a fórmula *ekklēsia tou Theou*, “igreja de Deus” (1Cor 1,2), um genitivo que aparece também em 1Cor 10,32; 11,16.22; 15,9; 2Cor 1,1; Gal 1,13, um genitivo de *pertença* e antes ainda de *dependência causal*, no sentido que Paulo vê a “igreja” como evento de ação de Deus em Cristo Jesus.

De outro lado note-se que para Paulo a “igreja de Deus” é de sinal local e **pluralístico**: “cada grupo cristão que se reúne em assembleia litúrgica é, por todos os efeitos *ekklēsia tou Theou / tou Christou* (igreja de Deus / de Cristo / em Cristo).

Cristo Senhor comunica a sua vitalidade à Igreja. E na medida em que tal vitalidade é recebida acontece uma cristificação da comunidade e uma irradiação da vitalidade de Cristo ao externo, sobre os outros homens e sobre o cosmo (tema que é desenvolvido em Efésios e Colossenses ). Paulo tem um senso vivíssimo da Chiesa, é um dos temas que mais o apaixona. (...)

### **1. Campo de Deus (...)**

A comunidade cristã é criação de Deus, nem de um nem de outro (de Paulo ou de Apolo). O apóstolo se autocompreende como “um servidor” (a 2Cor desenvolverá posteriormente o tema da *diakonia*). Mas o serviço pressupõe um “senhor” que assinala e distribui as várias tarefas.

Paulo e Apolo não são nem donos nem senhores, mas “colaboradores de Deus” que os chamou a seu serviço para o bem da comunidade. Ambos são *diakonoi*, “servidores” (ainda que em modo diverso). Notamos a *reciprocidade*: ao “nós somos” corresponde o “vós sois”.

O Apóstolo vê a Igreja, portanto como o campo agrícola de Deus. Um campo que pertence exclusivamente a Deus e que é cultivado através da colaboração de vários servidores. Mas definitivamente, é somente Deus que faz crescer a sua plantação.

Por trás desta metáfora se vislumbra as imagens bíblicas que falam de Israel como propriedade e vinha do Senhor, uma vinha escolhida, particularmente amada e bem cuidada (cf. Is 5,1-7; Sal 80,9-16). Paulo retoma a imagem da terra cultivada deixando-a aberta; não está interessado a especificar o tipo de plantação, se pomar, vinha ou outra, mas, ao contrário, esclarece um outro aspecto decisivo para a eclesiologia paulina: a abertura aos povos. Campo do Senhor é “a igreja de Deus” que inclui na igualdade Israel e os povos. (...)

### **2. Construção de Deus / Templo do Espírito**

À imagem agrícola, Paulo coloca logo junto uma outra coordenada com o mesmo verbo: *Theou oikodomē* “construção de Deus” (1Cor 3,9b).

Trata-se de uma construção em senso ativo, uma construção em andamento, uma espécie de “canteiro de obras”. Portanto não uma “casa” já pronta, mas um edifício em construção. Notamos os verbos de ação: lançar o fundamento, construir sobre, construir com vários materiais (preciosos e não). (...)

A igreja das origens compreendeu que o corpo de Cristo (crucificado-ressuscitado) é definitivamente o lugar salvífico da presença de Deus. Compreendeu que o ressurgir do Senhor foi o levantar-se do seu *corpo-templo* não feito por mãos humanas (Jo 2,21; Mc 14,58). O Ressuscitado inaugura uma nova humanidade habitada pelo Espírito de Deus (Rm 8,1-30). Quem vive em Cristo torna-se templo de Deus, morada do Espírito.

E novamente aparece aqui a ligação entre eclesiologia e pastoral. Paulo, de fato, não está fazendo especulação teológica, mas está assumindo o cuidado de uma realidade eclesial marcada pelo pecado, em claro contraste com a vida batismal, crística e pneumatológica. Ele reaviva a consciência de ser “templo de Deus” para chamar à coerência ética.

Estar em Cristo significa e comporta estar habitado pelo Deus vivo, pelo seu Santo Espírito. Mas essa presença divina está ‘suja’ pelo comportamento imoral de alguns batizados, por quem pessoalmente se manchou pelo crime de incesto (reprovado pelos próprios pagãos) e por quem se mostra conivente, por uma comunidade permissiva, que não condena tal comportamento (como, ao invés, o Apóstolo faz). Paulo é um pastor que assume o cuidado e esta sua carta aos Coríntios revela isso de modo eminente. É preciso viver de modo coerente o Batismo que nos fez “criaturas novas” em Cristo, habitação de Deus, seu templo santo. E, portanto, é o próprio corpo que está em jogo, o nosso viver no mundo, em relação com os outros. A sexualidade não é algo a parte, acidental ou indiferente. É preciso vivê-la como batizados, no amor e na santidade. Noutras palavras, a consciência de ser “templo de

Deus/do Espírito santo” postula santidade de vida, honestidade e pureza das relações. É justamente neste nível, no plano existencial, que se joga a vida no Espírito e o “culto agradável a Deus”.

### 3. Corpo de Cristo

A concepção da Igreja como “corpo de Cristo”, animado por um único e mesmo Espírito e dotado de muitos membros com funções específicas que contribuem à vitalidade e ao bem estar de todo o organismo, é tipicamente paulina. Onde coloca as raízes? Já no encontro com o Ressuscitado no caminho de Damasco o Apóstolo intui que Jesus é inseparável da sua Igreja. De fato Ihe foi dito: “Saulo, Saulo por que me persegues?” (At 9,4-5). O Cristo e os seus seguidores formam um só corpo, como o esposo com a sua esposa (cf. Ef 5,21-32).

Também Menenio Agrippa sabia que a sociedade é “um corpo” e tece o elogio do mesmo na sua famosa apologia. Mas a idéia de Paulo não é simplesmente que a Igreja é um “corpo”, mas sim que é “corpo de Cristo”. O seu argumentar move-se por uma **premissa** de caráter cristológico: “De fato, o corpo é um só, mas tem muitos membros; e no entanto, apesar de serem muitos, todos os membros do corpo formam um só corpo. Assim acontece também com Cristo.” (1Cor 12,12). O Apóstolo – comenta Vanhoye – “contempla a pessoa de Cristo e vê nela toda a eclesiologia”.

Não é somente questão de bom funcionamento organizativo, de “sadia corporação”. Aqui se dá uma realidade profundíssima, transcendente e carismática. A Igreja é “corpo de Cristo” por obra do Espírito Santo. É a energia do Espírito que dá vida ao corpo eclesial; é o Espírito que atua como princípio ativo da constituição dos batizados num único corpo.

Espírito e corpo são vistos em profunda sinergia: “Nós fomos batizados mediante um único Espírito em um só corpo, Judeus ou Gregos, escravos ou livres; e todos bebemos de um mesmo Espírito” (1Cor 12,13). Portanto, é em virtude do Espírito que a Igreja é “corpo” de Cristo. É o *creator Spiritus* que faz dos batizados “um só corpo (*sōma*)”, que faz dos muitos e diversos uma única pessoa em Cristo.

Note-se a afinidade de 1Cor 12,13 com Gl 3,27-28: “pois todos vocês, que foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo. 28 Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Jesus Cristo”.

O Espírito não age somente no externo, mas na profundidade do coração: é ele que “mata a sede” dos crentes, é ele que testemunha a adoção filial gritando em nós “Abbà, Pai” (Gal 4,6; Rm 8,15). Vitalizados pelo Espírito de Cristo os vários membros constituem aquela unidade orgânica (unidade na diversidade/pluralidade) que transcende o aspecto sócio-organizativo e encontra adequada expressão no plano carismático e ministerial.

O mesmo Espírito preside a distribuição dos *carismas* em função do bem comum. Existe uma estreita conexão entre **carismas e ministérios**. Na perspectiva de Paulo, a *não partilha* constitui uma atitude de *injustiça*. Nenhuma **soberba carismática**, mas, ao invés, recíproco **assumir o cuidado**. E portanto: *da pertença à corresponsabilidade*.

- **Reciprocidade do “assumir o cuidado”**

Paulo declara: “os vários membros **cuidem uns dos outros**” (1Cor 12,25). Podemos ver aqui como todo o percurso argumentativo atualiza definitivamente o mandamento evangélico do amor recíproco (Jo 13,34). Este aspecto foi bem examinado por Borek na sua tese de doutorado. O Apóstolo escreve:

“Se um membro sofre todos os membros ‘*sofrem-com*’ (*sympáschei*);  
e se um membro é honrado todos os membros ‘*alegram-se com*’ (*syncháirei*)” (1Cor 12,26).

O verbo *sym-paschō* está a indicar um ser envolvidos na dor, no sentido concretíssimo de sofrer os danos por ela provocados. Porém se um membro sofre, todos devem, de alguma forma *sofrer-com*. Na carta aos Romanos a atitude de compaixão exprime-se também exteriormente, por meio do pranto, evidenciando o valor do sentimento: “Chorai com aqueles

que choram” (Rm 12,15). Há uma reciprocidade também entre a fraqueza (enfermidade) e saúde. Os fracos oferecem a sua necessidade de cuidado e de sustento. Oferecem a oportunidade aos sãos de exercer os vários carismas. Se faltasse a ocasião para a manifestação dos carismas particulares, não se descobriria nunca a sua beleza e grandeza. Se faltasse o discípulo com a sua ignorância não apareceria com todo o seu esplendor o carisma do mestre, se não existissem ou doentes, não se revelaria a preciosidade do carisma do médico, de quem tem o dom de curar e de sarar...

Não *desprezar o outro e assumir o cuidado uns dos outros*: eis as **duas regras** que se tornaram o estilo de vida de Paulo e que ele oferece como solução dos problemas eclesiais.

### Novo modo de pensar

Também na carta aos Romanos Paulo recorda que “O mesmo acontece conosco: embora sendo muitos, formamos um só corpo em Cristo, e, cada um por sua vez, é membro dos outros.” (Rm 12,5). E este ensinamento é precedido por uma formidável indicação: “Não se amoldem às estruturas deste mundo, mas **transformem-se** (*metamorphousthe*) pela renovação da mente, a fim de distinguir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que é agradável a ele, o que é perfeito” (Rm 12,2).

É necessário deixar-se “trans-formar” (o verbo usado é aquele da transfiguração de Jesus). É preciso uma “renovação” (*anakainōsis*) da mente (*nous*), um novo modo de ver e de julgar as coisas, um olhar diferente sobre a história e o mundo. Um novo modo de viver as “relações”: respeito e valorização das diferenças com relação ao bem comum, vivo senso de comunhão (*koinonia*) e de fraternidade, capacidade de *synergia*, valorizando da melhor forma a contribuição de cada um. “A caridade não seja hipócrita – escreve o Apóstolo – detestem o mal e apeguem-se ao bem; no amor fraterno, sejam carinhosos uns com os outros, rivalizando na mútua estima” (Rm 12,9-10).

## B. O ASSUMIR O CUIDADO DO APÓSTOLO PEDRO (...)

### 1. Em relação vital com a Santíssima Trindade

A identidade da comunidade cristã é especificada antes de tudo pela singular relação com o Pai, o Espírito Santo e Jesus Cristo. Se poderia dizer que a 1Pedro não sabe ver os cristãos senão numa relação com a Santíssima Trindade. Já no prescrito (endereço epistolar) se explicita a relação com cada uma das três pessoas divinas: “eleitos” segundo a “presciência” (*pro-gnōsis*) vale dizer, segundo o *projeto* de **Deus Pai**, “na santificação do **Espírito**, para obedecerem a Jesus Cristo e serem purificados pelo seu sangue” (1Pt 1,1-2).

Teologicamente denso e original este endereço *trinitário*! Notemos que o Espírito é nomeado aqui em posição central. A ação do Espírito guia a revelação cristológica da salvação e toda a obra de evangelização. Nos profetas o Espírito *pre-testemunhou* o mistério pascal: a paixão e a glória do Cristo (1,11), e por outro lado é “no Espírito santo” que nos foi anunciado o Evangelho (1,12).

Somos logo envolvidos num clima de louvor e de estupor: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo por sua grande misericórdia. Ressuscitando a Jesus Cristo dos mortos, ele nos fez renascer para uma esperança viva, para uma herança que não se corrompe, não se mancha e não murcha. Essa herança está reservada no céu para vocês.” (1,3-4).

A consciência de ser participantes da própria vida do Ressuscitado enche de alegria os crentes, também se provados pelo sofrimento. Por duas vezes ressoa o verbo “exultar”, o mesmo do Magnificat. É a alegria de quem ama e acredita em Jesus mesmo sem tê-lo visto, a alegria de quem está caminhando rumo à meta da fé: “**a salvação das almas**” (1,9).

Pedro encoraja a viver em conformidade com a vida batismal (1,13-25), como filhos “obedientes” (= nascidos da escuta da Palavra) e irmãos que se amam de coração. (...)

## 1. O estilo de Pedro: encorajar testemunhando

A “testemunha dos sofrimentos de Cristo” (5,1) não fala de cima para baixo, não se serve de razões de autoridade, mas mais encoraja a esperança reavivando a consciência da graça, do dom recebido, da vida batismal. Encoraja a não migrar da situação difícil, encoraja a “estar” na situação em que se está vivendo e permanecer ali com os sentimentos de Cristo.

Nesta carta transparece um Pedro bem diferente daquele que se exprime nos evangelhos, que opunha resistência à via da cruz (Mc 8,31-33; Jo 18,10-11). O Pedro do qual esta carta recolhe o testemunho é um homem *convertido*, que soube acolher o encorajamento do Ressuscitado e o seu testemunho (Jo 21,15-19). Por conseguinte ele exorta os seus irmãos a contrastar a violência do mal com a força persuasiva do bem, com a mansidão e o amor, a exemplo daquele que “Quando insultado, não revidava; ao sofrer, não ameaçava” (1Pd2,23). É preciso buscar força do exemplo de Jesus para continuar na prática do bem, sempre e seja como for.



### Do texto *“Teologia e ação pastoral: uma visão orgânica”* de Pe. Marko Ivan Rupnik

Para falar da teologia pastoral como visão orgânica, nos perguntamos antes de tudo: o que é a teologia? A teologia entra no discurso do conhecimento de Deus. Conhecer Deus, poder pensar com Deus e ou mesmo como Deus. Mas a questão do conhecimento de Deus não é uma questão abstrata ou filosófica, trata-se do conhecimento de Deus em três pessoas. Trata-se de chegar, no fim das contas, ao conhecimento de Deus Pai. E quando digo Deus Pai, é claro que se trata de conhecer uma pessoa, ora, não se consegue conhecer uma pessoa se essa é ausente. Para conhecer uma pessoa, ela deve estar presente, então, se queremos conhecer Deus, Deus deve estar presente na nossa vida; e se queremos aprender a pensar com Deus, é preciso, de algum modo, ter acesso ao seu modo de pensar e de agir. Para isso, porém não basta a contemplação grega, feita de modo distante, é preciso entrar dentro. Porque uma pessoa pode estar presente, mas se não comunica, não a conhecemos; então quando se diz que Deus deve estar presente para conhecê-lo, não é suficiente que nós tenhamos ao nosso lado uma estátua de Deus, ou uma idéia, deve estar o próprio Deus.

Mas as tentações são muitas: é muito mais fácil dizer que se pensa de conhecer Deus, ao invés de conhecê-lo realmente. É muito mais fácil que nós gerenciemos Deus, porque se tem quase um medo, depois do pecado, narrado no terceiro capítulo de Gênesis, de admitir que Deus seja verdadeiramente livre e não objeto das nossas elaborações. É bastante difícil admitir que Deus seja Deus, que seja livre. Alguns dias atrás um sacerdote alemão me disse que não compreende porque agora se insiste que os professores de teologia sejam crentes. E então, por si não é necessário: se Deus não é Pai, mas qualquer outra coisa, eu posso conhecê-lo teoricamente como se conhece também a água, a árvore, mas não posso conhecer Deus Pai.

E é por isso que já há alguns séculos estamos nos dispersando; porque sabemos dizer muitas coisas sobre Deus, mas Deus Pai desapareceu do nosso horizonte: e quando alguém não tem Pai, está perdido. O pai é a relação fundamental, é o ponto de referência. Se eu conheço a natureza da mesa, conheço todas as mesas do mundo, se sei que a mesa quer dizer uma superfície e em tronco bastante grande sobre o qual apoio a superfície seu que isso é uma mesa, não existe mesa que saia fora disto, então quando eu conheço a natureza dessa mesa eu conheço todas as mesas do mundo. Mas se eu conheço João não conheço todos os ‘Joões’ do mundo, porque João é uma pessoa. Para conhecer Deus, é preciso conhecer esse Deus, não um outro, conhecer justamente a pessoa de Deus Pai. Este é um limiar tão forte que

pouquíssimo o superam. A grande massa dos assim chamados crentes se contenta de alguma pálida idéia, de alguma divindade genérica, mas esta não é a fé no Deus de Jesus Cristo. Para ser verdadeiros crentes é preciso conhecer este Deus Pai, não qualquer outra entidade genérica.

Para a teologia é fundamental ter uma relação verdadeira, forte, essencial, com Deus Pai. Quem não a possui, como dizia Platão, que Pe. Spidlik citava sempre, não faz teologia, mas meteorologia, ou seja, fala das coisas não das pessoas. E porque nós fizemos por muito tempo meteorologia no lugar da teologia, então dissemos: dado que não sabemos muito bem como são as coisas lá em cima, é melhor que nos concentremos sobre essas aqui embaixo, e então nos concentramos sobre essas aqui de baixo. E agora somos praticamente iguais a todo mundo ao redor de nós. É preciso pegar mesmo a lupa para encontrar uma pequena diferença entre um que se presume crente e um pagão, porque os dois estão fechados nesse mundo aqui de baixo e procuram organizar mais ou menos um paraíso na terra, com alguma pequena diferença, mas de modo geral é igual. Assim nasceu uma grande competição entre a Igreja e o mundo, porque a Igreja tenta recorrer ao mundo e fazer melhor nas coisas deste mundo, mas perderá a batalha 100%, porque não tem nada de totalmente novo. (...)

Agora competimos com o mundo para ver quem é mais filantrópico, quem é mais justo, quem é mais livre, quem consegue fazer um sistema escolar melhor, quem consegue fazer isso ou aquilo. Depois, à noite, alguém vem como aquela vez que foram até Filipe pedir: “Nós queremos ver Jesus!” (cf. Jo 12,21) E nós não seremos capazes de responder como Filipe, mas diremos mais ou menos assim: “Também nós queremos conhecê-lo!” E o povo nos dirá: “Mas nós pensávamos que vocês já o tivessem visto”. “Não, nós apenas ouvimos falar dele”. Mas o pior ainda é quando vem alguém que nos diz: “Nós queremos conhecer o Pai”. E nós ficamos desconcertados porque estamos muito empenhados a manter funcionando a enorme máquina organizativa horizontal que inventamos, e não temos nenhum conhecimento espiritual! Tão logo abrimos a boca, aqueles que estão próximos de nós sentem que falamos de uma coisa que não conhecemos. Como disse Macário, o Grande: É muito ridículo escutar alguém que quer nos explicar sobre a doçura do mel, e se percebe que nunca comeu mel. Quem tem um pai, seja quem for, quando começa a falar dele, se percebe logo se é verdadeiro ou não, se fala por ouvir dizer ou porque ama uma pessoa. (...)

Recordem o capítulo 17 de João: “Esta é a vida eterna, conhecer a ti e aquele que enviaste: Jesus Cristo” (cf v 3). Este conhecimento é a vida eterna, porque nós participamos desta vida de Deus e não temos nenhuma outra vida, temos somente aquela de Cristo, porque também esta nossa vida, herdada dos nossos pais, está ligada à morte, este sangue dos nossos pais, perecerá, enquanto que nós recebemos uma vida ligada ao sangue de Cristo. Uma vida totalmente diferente.

A teologia, portanto, deve ser familiar com estas coisas, e se for assim, será teologia, e o será automaticamente também a pastoral, ipso facto, porque a pastoral é justificada somente se é revelação, se revela alguma coisa, de outro modo é uma violência cultural. Tanto é verdade que hoje, em certos continentes, um pouco mais perigosos, como a Ásia, não se fala mais de evangelização, mas se fala de presença. Por exemplo, na Índia, nos países mulçumanos, se diz que somos uma presença, enquanto a evangelização é outra coisa, é uma revelação, assim como Cristo. A finalidade da vida de Cristo é revelar-nos o Pai, e assim também a finalidade da nossa vida. A contemplação de Deus significa partilhar a vida de Deus, participar do seu amor, à maneira de Cristo, e isto não é possível sem o Espírito Santo, parece que ninguém jamais conseguiu isso.



## Do texto “A pastoral como cuidado do rebanho. Referências teológico pastorais” de Pe. Giovanni Villata

### Amadurecer uma mentalidade pastoral diferente

Como narrar portanto a história de Jesus de Nazaré de modo que seja sempre mais formativa para o homem de hoje globalizado, secularizado, ‘des-ideologizado’?

Proponho à vossa reflexão crítica as seguintes considerações para verificar juntos se elas são efetivamente úteis para servir melhor o rebanho que nos foi confiado.

Primeiramente é preciso ativar em cada um de nós uma mudança de mentalidade e não somente fazer alguns ajustes, que são “topes novos num vestido velho”. Toda mudança, em qualquer campo que se queira atuar, exige a “renovação da mente” (Rom. 12, 2). Sempre, mas com maior razão, num tempo dominado por aquilo que Spinoza chamava de “paixões tristes”<sup>2</sup> (não tristeza do pranto, mas época de impotência e de desagregação) é preciso de algum modo ter um “sonho”, uma paixão, uma utopia, a certeza - e não é pouco - que essa tristeza se pode superar... certeza a ser perseguida com os pés bem plantados no chão (sem pessimismo passivo e otimismo imaginário). A configuração do futuro depende em boa parte daquilo que seremos capazes de fazer no presente.

Trata-se de conseguir um estilo de pensamento e ação - um estilo no narrar Jesus - diferente, marcado pelo dar prioridade à Palavra escutada, celebrada e vivida, pela superação definitiva do individualismo e do eficientismo pastoral.

A mudança de mentalidade não é um processo simples porque exige motivações novas, ou seja, de energias novas que impulsionem a agir na nova direção.

Hoje se procuram novas estradas, mas nenhuma parece totalmente. Todavia, somos já projetados, querendo ou não, dentro desta mudança que está acontecendo.

Isto é, não devemos correr atrás dessa situação de “movimento” pastoral porque já estamos nele.

É um momento belo porque impulsiona à criatividade, convida a confiar mais no Espírito, coloca em estado de busca, ajuda a superar tentações de onipotência... Mas é também um momento problemático. Sabe-se bem o que se deixou (o modelo tridentino, a paróquia autárquica e autosuficiente, a figura do ministro mais ou menos sacral, a formação certa através do modelo de associação por anos único e mais difundido, ou seja a Associação Católica...), mas não se consegue especificar o que colocar em ato.

Sabe-se também que não é preciso contentar-se com ajustes. Mas ao mesmo tempo percebemos resistências não indiferentes, em nós mesmos e nos outros.

Como fazer?

Valorizando as experiências mais significativas em ato e seguindo as reflexões mais abertas à práxis creio que possa avançar a necessidade de realizar *algumas mudanças* de mentalidade que conduzem a modos de agir diversos e mais fiéis às referências indicadas acima.

Proponho-lhes com muita humildade, com a intenção de estimular a reflexão e as escolhas mais adequadas para uma pastoral que permita narrar hoje mais eficazmente a história de Jesus:

A primeira passagem sugerida pela eclesiologia conciliar é aquele *do isolamento individualista à relacionalidade positiva* como estilo de vida e de pastoral. (...)

A segunda passagem é aquela de uma pastoral auto-referencial, pragmática e repetitiva a uma diferente pelo discernimento comunitário e pela criatividade. (...)

---

<sup>2</sup> Cfr. M.BENAASAYAG- G. SCHIMIT, l’epoca delle passioni tristi, Milano. Feltrinelli, 2004.

A terceira passagem consiste no movimento de uma pastoral que cria iniciação a uma que crie pertença. (...)

A quarta passagem postula o movimento de uma pastoral fundamentada na autosuficiência a uma fundamentada na “*vida em Cristo*” ou sobre a *espiritualidade cristã*. (...)

A quinta passagem - quase o êxito esperado das anteriores - é o abandono de uma concepção de Igreja marcada pela “*visibilidade*” para uma de *Igreja presente no meio das pessoas, livre, humilde e pobre no narrar a história do seu Senhor junto com a própria*. (...)



### Do texto: “A Tríplice obra” de Ir Suzimara Barbosa de Almeida

A premissa básica para falar da Tríplice Obra em pe. Alberione é que não podemos jamais separar o nosso “ser” do nosso “agir” pastoral”. O nosso fundador não os separava nunca. De fato, já no primeiro programa, que ele deu ao Instituto, pode-se perceber como estas duas dimensões estão entrelaçadas uma com a outra. Ao apresentar a finalidade do novo Instituto escrevia: “*Finalidade primeira. – A glória de Deus e a própria santificação vivendo de Jesus Bom Pastor. Finalidade secundária. – Cooperar e servir ao zelo dos Pastores de almas com uma tríplice ação*”<sup>3</sup>.

O Fundador sempre colocava o cuidado de si mesmas como condição essencial para assumir o cuidado do povo a nós confiado. Os seus interventos são abundantes sobre esse tema na sua pregação ao Instituto. (...)

### Tríplice ofício pastoral – Alberione às Pastorinhas

Para elencar as atividades que as SJBP devem realizar Alberione recorre sempre ao esquema ternário e o denomina três espécies, ordens de obra, três meios, três partes, três pontos. Para cada uma das partes, desde o “primeiro programa” dá os nomes já consagrados: **instrução cristã, formação cristã, santificação cristã**. É a mesma nomenclatura que aparece também nas primeiras Constituições da congregação entregue às Irmãs em 1947. Na terceira obra, contudo temos uma variedade de nomes, mas todos ligados com a dimensão da santificação: culto, oração, piedade, liturgia, prática do culto sacro. No interior de cada parte Alberione vai acrescentando atividades, deixando outras, mas o esquema ternário permanece sempre o mesmo.

Para fundamentar essa divisão ternária Alberione recorre ao trinômio Cristo Caminho, Verdade e Vida, e nas poucas vezes que se refere a Cristo profeta-sacerdote-rei coliga-o com o trinômio acima dizendo que é a missão continuada pela Igreja, por isso menciona outras vezes também o trinômio dogma-moral-culto. Outro fundamento para a tríplice divisão das obras é aquele que se liga ao texto de Mt 28,19.

Percebemos também que a divisão instrução-formação-santificação serve para Alberione para designar tanto o ofício do sacerdote como o das irmãs: “*Padres e irmãs devem fazer três coisas: instrução, formação, santificação*”. O que mudam são as atividades próprias que compete a um e outro em cada parte, ainda assim elas estão em profunda correlação.

O esquema ternário serve para o nosso Fundador como uma espécie de moldura dentro da qual ele coloca todas as atividades que são importantes na missão da irmã pastorinha; por isso mesmo, pouco a pouco foi deixando de fazer o elenco das obras – presentes nos

---

<sup>3</sup> Primo Programma delle Pastorelle, in Circolare interna – *Eco di Casa Madre* – delle Figlie di San Paolo, aprile 1937, [p. 1]; cf. *50 anni di una presenza pastorale...*, 185).

primeiros programas – porque na instrução-formação-santificação cabem todas as atividades que se requerem na missão pastoral<sup>4</sup>.

Também porque sabemos que muitas atividades pastorais são difíceis de delimitar à qual das partes pertence, visto que existe um entrelaçamento entre os três aspectos. A catequese, por exemplo, mesmo sendo colocada comumente dentro da instrução cristã, também exige uma formação cristã e deve conduzir necessariamente à santificação cristã, na prática vivencial dos sacramentos. Por isso o esquema ternário é uma forma de pensar, um modo de englobar o todo, e pe. Alberione colheu bem a indicação; por tal razão em seguida deixa de fazer o elenco das obras, mas conserva a divisão ternária, sem jamais renunciar a ela.

O exemplo claro disso, temos em 1959. O Fundador não gostou nem um pouco que tenha sido retirado do texto constitucional o esquema ternário das obras e continuou a utilizá-lo, ignorando as correções do texto. Isso não parece ser apenas capricho ou fruto do estudo dos manuais da sua época; o modelo tripartido é algo essencial na missão enquanto se refere à mesma missão confiada à Igreja em todos os tempos e que a pastorinha é, por vocação, chamada a realizar em colaboração com pastores e leigos.

Por esse motivo, Alberione não permanece fixo numa atividade ou numa outra; o elenco das obras para alcançar a “totalidade” não é fechado, mas aberto às diferentes situações e lugares. Ele mesmo admite a possibilidade de alcançar sempre novas atividades porque “As Pastorinhas deve ser elásticas”<sup>5</sup>, devem saber adaptar-se em cada época para escolher as atividades que mais facilitam o assumir o cuidado das pessoas e das comunidades.

Em síntese, a tríplice obra delimita a missão de “cura d’anime” na Igreja na qual predomina a pregação, santificação, guia das almas e a santificação<sup>6</sup>.

Resta esclarecer ainda: onde entra nesse esquema a dimensão social, caritativa, usada na nomenclatura atual na Igreja? Olhando o ensinamento do Fundador percebemos que ele claramente encaminhou as pastorinhas também para esse setor como atendimento aos necessitados da paróquia, sempre excluindo, todavia instituições estáveis. A insistência maior nessa atividade deu-se, sobretudo nos anos 50, mas ela é mencionada desde os primeiros programas<sup>7</sup>, bem como no primeiro texto constitucional<sup>8</sup> sempre dentro da parte da formação cristã, pedindo às Pastorinhas estar atentas a este aspecto<sup>9</sup>. Nos últimos anos a sua insistência parece ter sido maior na obra de instrução cristã<sup>10</sup>.

Decorre dessa forma que para Alberione tudo o que é inerente à missão salvífica da Igreja faz parte do carisma das Pastorinhas. Podemos verificar que ao longo do seu ensinamento às SJBPs, didaticamente ele foi pouco a pouco ampliando o leque de atividades e fazendo com que tudo aquilo que concebia como “cura d’anime” na Igreja fosse realizado pelas irmãs. Daí sua continua insistência em recordar-lhes que não vão às paróquias para uma atividade ou outra, mas para o todo da pastoral. Para Alberione este “todo” nasce do considerar Cristo total (Verdade, Caminho e Vida) que deve ser anunciado a todo o ser humano: corpo, alma, espírito. Cristo, cuidou todas as dimensões do povo ao qual foi enviado, a Pastorinha faz o mesmo<sup>11</sup>. Mas não pode perder jamais o horizonte escatológico da vida. Nascemos de Deus, a Deus voltamos. Quando Alberione sustenta que devemos cuidar da vida ‘espiritual’ das pessoas, não exclui o corpo, porque diz para cuidar também deste<sup>12</sup>, mas quer dizer que não podemos fazer, diremos hoje, somente filantropia, fazer o bem. A caridade material é necessária porque a pessoa é uma integralidade; todavia a vida cristã não para ali,

---

<sup>4</sup> AAP 1959, 147.

<sup>5</sup> Cf. PrP III, pp. 231-232. Cf. doc. 50.

<sup>6</sup> AAP 1964, 305-306. cf. doc. n. 214.

<sup>7</sup> «desenvolver as obras caritativas». cf. doc. n. 1.2.

<sup>8</sup> «assistência a famílias pobres». cf. doc. n. 28.

<sup>9</sup> Cf. doc. n. 122.

<sup>10</sup> AAP 1965, 46,47. cf. doc. n. 219.

<sup>11</sup> AAP 1960, 660-664.

<sup>12</sup> PrP V 1951, p. 173.

vai mais além rumo à vida plena, eterna à qual devemos conduzir o povo a nós confiado como fez Jesus Bom Pastor<sup>13</sup>.

Em pe. Alberione não existe, como vimos no início, cisão entre o estar com Deus e o estar com o povo. Dar ajuda ao corpo e ajuda à alma. Cuidado de si e cuidado do povo. Se olhamos o esquema ternário como unidade da missão salvífica de Cristo que se exprime na pluralidade das dimensões (instrução-formação-santificação), veremos que se trata sempre de, numa atividade, não perder a visão global: dar todo o Cristo a toda a pessoa e, também deixar-se conduzir por Jesus Bom Pastor para poder conduzir o seu povo, nutrir-se dele para poder nutrir aqueles que nos foram confiados. Não podemos perder aquela unidade expressa por Alberione já no seu Primeiro programa: viver de Jesus Bom Pastor e dar Jesus através de uma tríplice obra.

Na realidade, as atividades não são nada mais que um transbordar da relação profunda com Jesus Bom Pastor.



Do texto: *“A Pastoral na Família Paulina”*  
de Pe. Silvio Sassi, ssp

## 2. A pastoral da Família Paulina depois de Pe. Alberione

2.1. Pe. Alberione participou do Concílio Vaticano II (1962-1965) enviando sugestões para a sua preparação, estando presente em diversas assembleias e interpretando os frutos do Concílio em referência ao carisma paulino. «No Concílio Ecumênico Vaticano II a palavra que mais ressoava sob os arcos da basílica de São Pedro era esta: “pastoral, pastoral”, e isto é: chegar às almas, salvar as almas e inventar novos meios» (Vademecum 1202).

Não é de se maravilhar, portanto, que ele encontre no Vaticano II a suprema aprovação de todo o seu empenho fundacional, sobretudo do apostolado da imprensa, que tem um caráter pastoral: “A atividade paulina é declarada apostolado ao lado da pregação oral, declarada de alta estima diante da Igreja e do mundo” (San Paolo, dicembre 1963) e a mesma convicção repetirá no 1968 (cf. San Paolo, marzo 1968).

Resta ainda explorar em que modo cada Instituição e a inteira Família Paulina assimilou, nas convicções e na prática, a riqueza do Vaticano II. Não faltam iniciativas exemplares (para a Sociedade São Paulo, o Capítulo geral especial 1969/1971), mas a convicção transmitida pelo Primeiro Mestre e partilhada pela maioria dos Paulinos do tempo, que finalmente a Igreja tinha chegado lá onde a iniciativa paulina pioneira tinha chegado a tempo, inculcou também a certeza que não havia muita necessidade de “atualização”. Parece-me que por decênios, muitas e muitos Paulinos viveram “sobre os louros” do reconhecimento da Igreja e não se deram conta que a comunidade eclesial do pós-concílio já tinha se colocado e, marcha de novo. O risco foi o de tornarem-se retrógradas.  
(...)

2.3. Para viver uma fidelidade criativa também na pastoral, nós Paulinos e Paulinas, devemos **conhecer** bem a herança recebida e **atuar**, nas idéias e na prática, as mudanças necessárias requeridas pelo objetivo **pastoral** a nós fixado pelo Fundador de “dar Deus aos homens e dar aos homens a Deus, em Jesus Cristo” (Vademecum 1205), mas “os homens de hoje, não aqueles de dois séculos atrás” (cfr. Vademecum 382).

---

<sup>13</sup> PrP VII 1955, p. 297-299.

2.3.1. Pe. Alberione, filho da Igreja e do mundo do seu tempo, coloca como fundamento da pastoral das suas Instituições uma eclesiologia de tipo **teórico** (pastor-rebanho, centrada sobre o zelo pela cura de almas) e da mais ampla realização **prática** (pastor que vai em busca das ovelhas que estão fora, com o auxílio de colaboradores e colaboradoras, preocupando-se pela salvação da totalidade da pessoa).

Podemos nos perguntar, com base no desenvolvimento das idéias e das iniciativas eclesiológicas ocorridas do Vaticano II a hoje, como a pastoral da Família Paulina elaborou uma **nova reflexão eclesiológica** que desenvolva, aprofunde e melhore aquela recebida do Fundador. Não se trata, certamente, somente de mudanças terminológicas, mas de um repensamento de convicções teológicas.

A pastoral de pe. Alberione apóia-se sobre uma certa idéia do “sacerdócio ministerial” ao qual se associa o “quase-sacerdócio” dos discípulos paulinos, das Irmãs paulinas, das leigas e dos leigos consagrados na secularidade e dos colaboradores. Como soubemos repensar e reexprimir estas certezas com a abundância das reflexões de que dispomos hoje sobre o sacerdócio ministerial e sobre o sacerdócio comum? Como passamos de uma pastoral centrada no protagonismo do sacerdote a uma pastoral confiada à comunidade? Como passamos de uma eclesiologia hierárquica a uma eclesiologia de comunhão na Família Paulina?

Para responder à pergunta do se e como a Família Paulina fez desenvolver a concepção teórica e prática de eclesiologia em Pe. Alberione, devemos observar todos os acontecimentos onde se **elabora um pensamento** (Capítulos gerais, magistério dos superiores gerais, Capítulos provinciais e Assembleias regionais, seminários internacionais, cursos de formação, reelaboração das normas, etc.). Esta análise deve ser completada pela observação das nossas atividades apostólicas **concretas**: às vezes elas completam ou suprem o pensamento, outras vezes o confirmam ou o contradizem.

Sendo parte da Igreja com um carisma específico, é importante também saber em que modo a **comunidade eclesial** avalia o nosso pensamento e as nossas obras em nível de eclesiologia. A contribuição original dada pelo carisma paulino às comunidades eclesiais nas quais vivemos, encontra a sua síntese na eclesiologia porque nela se integram a espiritualidade e a missão específica.

2.3.2. Desde sempre, mas de modo especial depois do Vaticano II, toda a atividade pastoral é expressão da identidade e da única missão de toda a Igreja; **evangelizar**. A Igreja “existe para evangelizar” (EN 14), afirma Paulo VI; João Paulo II reforça dizendo: “A Igreja, ou é missionária ou não é mais nem mesmo evangélica” (13.05.1986) e é necessário “refundar em base missionária a nossa pastoral na moderna sociedade industrial” (01.06.1989).

Pe. Alberione escreve: “O mundo necessita de uma nova, longa e profunda evangelização” (UCBS, 1926). João Paulo II, aos 9 de março de 1983, em Porto Príncipe, usa pela primeira vez esta expressão dizendo: “Uma nova evangelização, nova no seu ardor, nos seus métodos e na sua expressão”.

Podemos nos perguntar se a pastoral da Família Paulina tomou em consideração, meditou e aplicou a si esta indicação para uma **nova evangelização**, no ardor, nos métodos e na expressão.

Para ter instrumentos de resposta a esta interrogação podemos observar a qualidade da nossa **fé pessoal** e da **fé das nossas comunidades**: é uma fé assim tão intensa que se torna quase automaticamente missionária? Qual espaço ocupa a ânsia missionária na nossa oração, nos nossos Exercícios, nos retiros, nos programas de formação contínua?

Podemos, além disso, observar os conteúdos e os métodos de todas as nossas etapas formativas e perguntar-nos se a formação integral tem como objetivo formar o apóstolo e a apóstola ou, no melhor dos casos, um religioso ou uma religiosa “genéricos”.

Também o modo de pensar e de viver a vida comunitária é espelho de uma fé fechada sobre si mesma ou aberta à missão: “Também para nós a vida em comum nasceu do

apostolado e é em vista do apostolado” (UPS I, 285). Os nossos votos religiosos devem ser pensados, apresentados e vividos numa perspectiva missionária e com o nosso carisma.

A evangelização não é somente o objetivo da programação de atividades apostólicas, mas deve dar o “colorido” a todos os aspectos da nossa vida religiosa paulina. A importância missionária aumenta no momento em que a Igreja programa uma “nova evangelização” a nível universal.

2.3.3. Diante da progressiva descristianização das massas, pe. Alberione escreve já em 1915: “A igreja católica é indefectível, da Palavra do Evangelho não cairá nem mesmo um i: mas a Igreja e o evangelho possuem mesmo uma admirável facilidade de adaptar-se aos tempos e aos homens” (DA 318-319). Dando início ao Vaticano II, o Bem-aventurado João XXIII afirma: “uma coisa é a substância, ou seja a verdade, da antiga doutrina do depositum fidei, e outra – salvando o significado doutrinal – é a formulação do seu revestimento” (11.10.1962).

Podemos nos perguntar em que modo a pastoral da Família Paulina pensou e atuou, em vista de uma nova evangelização, o processo **da inculturação**, não somente da fé, mas também do carisma paulino mesmo.

Para encontrar elementos de resposta podemos observar como foram integrados nas nossas convicções e nas nossas escolhas operativas quanto o magistério universal afirma sobre a inculturação e, sobretudo, as orientações e os projetos das **Igrejas continentais** e das **Igrejas locais**.

Como porção de Igreja, pertencente aos vários níveis das comunidades eclesiais, não podemos nos considerar uma ilha com uma vida independente, mas somos chamados a integrar todas as dimensões do nosso carisma na Igreja.

2.3.4. A pastoral da Família Paulina desenvolveu-se de uma célula mãe, o **apostolado da imprensa**, que em 2014 celebra cem anos de existência na Igreja. Por vontade do Fundador, **todas** as Instituições da Família Paulina estão envolvidas, a título diverso, na “pregação medial”: com a oração de reparação, a oferta dos sofrimentos e da vida, com a busca de vocações, com a colaboração ou um empenho em tempo integral nos vários aspectos da evangelização na comunicação, que constitui uma verdadeira novidade de vida religiosa na Igreja.

Tomando como ponto de partida a aprovação do decreto conciliar Inter Mirifica (04.12.1963), a celebração anual da jornada mundial das comunicações sociais (01.05.1967) e a publicação de Communio et Progressio (23.05.1971), toda a comunidade eclesial progressivamente tomou consciência da necessidade de evangelizar na comunicação e com a comunicação, seja com documentos do magistério universal seja com iniciativas pastorais de grande relevo nas Igrejas continentais.

A célula mãe do carisma paulino, desenvolvida na totalidade da pastoral da Família Paulina, continua a oferecer à Igreja uma contribuição de pensamento e de ação pastoral com o constante chamado aos **destinatários**.

No processo de evangelização com a comunicação é necessário que existam os **conteúdos** a comunicar, **autores** de comunicação, **meios** que permitam exprimir-se nas **várias linguagens**, mas indispensável permanece o **público** que determina o **modelo de comunicação** adequado para utilizar. O processo comunicativo da pastoral paulina é motivado pela experiência de Cristo, mas para ser missionário fundamenta todo o seu projeto nos destinatários, que não sejam tomados como “receptores” passivos de uma mensagem, mas como “interlocutores” que participam a um diálogo.

A pastoral da Família Paulina deve interessar-se à comunicação de hoje não somente porque desde a sua origem foi enxertada sobre a originalidade da “pregação escrita junto à pregação oral”, nem somente porque toda a comunidade eclesial hoje está mobilizada para este âmbito, mas, sobretudo, pelo fato que hoje a comunicação, sobretudo digital, é um **ambiente de vida**, um **modo de existir**, um **estilo de estar no mundo** que empenha tudo e todos.

Toda a nossa grande espiritualidade, os nossos meticulosos projetos formativos, comunitários e apostólicos são de verdade estéreis e inúteis se não levam em conta aqueles aos quais queremos oferecer o nosso testemunho de forma compreensível. O Pentecostes não é um milagre para os ouvidos dos ouvintes, mas pela capacidade dos apóstolos de falar as línguas: “Na atual pluralidade cultural, é necessário conjugar o anúncio e as condições da sua recepção” (Pontifício Conselho da cultura, Para uma pastoral da cultura, 23.05.1999, n. 25).